



ALFABETIZAÇÃO ESTÉTICA NA PEDAGOGIA: ESTUDOS E EXPERIÊNCIAS EM PROCESSOS DE CRIAÇÃO E VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS

Estela Maria Oliveira Bonci¹ - UPM
Mirian Celeste Martins² - UPM

Grupo de Trabalho - Cultura, Currículo e Saberes
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

No currículo dos cursos de Pedagogia, qual o espaço da cultura e da arte ampliando saberes? Esta pergunta, além de outras gerou transformações no currículo do curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disciplinas foram criadas com focos específicos nestas áreas do conhecimento, dentre elas, a disciplina Fundamentos da Alfabetização Estética. O presente relato, desvela, analisa e fundamenta estudos e vivências de processos de criação e experiências desta disciplina na turma do terceiro semestre de Pedagogia com carga horária de 60h e supervisão 30h de estágio em Educação Infantil. Tendo como foco a arte inserida na dimensão cultural, as linguagens da linguagem da arte, os processos de criação e a compreensão inicial sobre a produção artística da criança, a disciplina enveredou pela prática criativa e rizomática. O desafio inicial era ir além do pouco contato com arte e cultura que a maioria dos estudantes apresentava e provocar encontros sensíveis e por vezes até estranhos e para sair da zona confortável da repetição de modelos tão comuns ainda em nossas escolas. Partindo de vivências artísticas em sala de aula, da visita a uma exposição e de um provocador texto sobre o conceito de experiência (LAROSSA, 2002) iniciou-se a ação aqui relatada que traz a voz dos estudantes, suas produções e avaliações, assim como pensamento dos teóricos que sustentam estas ações. Revelam-se descobertas a partir de vivências, experiências e relatos de situações diversas ampliando percepções sobre cultura, saberes e a potencialidade do currículo como proposições convidativas à reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em Arte nas salas de aula de Pedagogia.

Palavras-chave: Arte. Pedagogia. Experiência. Processos de criação. Vivências artísticas.

¹Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bolsista CAPES/PROSUP. Membro do GPeMC - Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas e do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. E-mail: estelabonci@hotmail.com

²Doutora em Educação e mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie/São Paulo (PPGEAHC/UPM), onde coordena os grupos de pesquisa: Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas (GPeMC) e Arte na Pedagogia (GPAP). E-mail: mcmart@uol.com.br

Introdução

Figura 1– Cenas de uma coreografia a partir do conceito de experiência. Foto-ensaio



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Uma sequência de passos, movimentos e gestos a partir da palavra “experiência”. Palavra em movimento afetada por outras verbalizadas como toques sutis que afetam, interferem, [re]constroem a experiência pessoal e do outro. Isso aconteceu na terceira aula da disciplina Fundamentos da Alfabetização Estética com a turma do 3º semestre de Pedagogia da Universidade Mackenzie, como resposta da estudante Ângela Pereira à produção de algo após a leitura de um texto de Jorge Larossa (2002) e a visita à exposição de Ron Muek na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Imagens que abrem este texto que revela e fundamenta descobertas a partir de vivências, experiências e relatos de situações diversas ampliando nossas percepções sobre cultura, saberes e a potencialidade do currículo como proposições convidativas à reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em Arte nas salas de aula de Pedagogia.

Para adentrar no relato é preciso contextualizar a disciplina Fundamentos da Alfabetização Estética. Profissionais atentos e sensíveis às transformações em todos os níveis neste início do século XXI, a participação em grupos de pesquisa como o GPAP³ – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia, a inquietude que marca nossas práticas gerou uma reformulação do currículo do curso de Pedagogia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dentre outras

³O GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia foi criado em junho de 2012 e envolve profissionais que trabalham nos cursos de Pedagogia em várias universidades brasileiras. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7171489607866053>>. Acesso em 10 ago 2015.

disciplinas criadas, a disciplina Fundamentos da Alfabetização Estética passa a integrar a grade curricular no terceiro semestre do curso com carga horária de 60 horas e supervisão 30h de estágio de estágio em Educação Infantil. Tendo como foco a arte inserida na dimensão cultural, as linguagens da linguagem da arte, os processos de criação e a compreensão inicial sobre a produção artística da criança, a disciplina enveredou pela prática criativa e rizomática⁴ que aqui é revelada, analisada e fundamentada buscando encontrar ecos, ressonâncias e dissonâncias para seguirmos pensando e agindo.

Processos de criação e experiências estéticas: vivências artísticas

A primeira ação poética com tecidos que se transformaram em figurinos e personagens vividas logo após a apresentação da disciplina na primeira aula, a visita à exposição na segunda e as produções relacionando-as ao texto de Jorge Larrosa (2002), despertaram nos alunos de Pedagogia a possibilidade de olhar a experiência artística com outros olhos. Percebê-la como aquilo que nos passa, transpassa, nos toca, acontece e se/nos transforma. A experiência foi vivenciada em sua essência como palavra, como impulso, como encontro, acontecimento sentido por todo o corpo, “ex-posto” à sua existência. Um início provocador que teve de ser impulsionado muitas vezes, pois corpos acostumados a uma certa passividade, com grandes ouvidos para assistir aulas/palestras se mostravam um pouco resistentes e desconfortáveis com algumas proposições.

Como levar arte e cultura para a escola se como professores somos estranhos a suas manifestações? Como valorizar a ação poética e um olhar/corpo sensível e pensante?

Antes de olhar a produção infantil se faz necessário oferecer espaços de encontros com a arte. Encontros que evidenciam as histórias pessoais que foram reveladas por rápidos desenhos feitos na primeira aula, lembrando experiências estéticas pessoais vividas na infância.

⁴ Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980, p. 32) nos apresentam o conceito de rizoma, onde: “Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem general, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados”.

estudante ou a pauta musical com a clave de sol indicando um maior conhecimento dos códigos da linguagem musical.

Percebemos nas ações propostas ao longo do semestre, metamorfoses estéticas no fazer do aprendiz produtor e leitor das linguagens artísticas das Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Desejos e fazeres foram lembrados e despertados, tentando potencializar cada aluno como artista, pesquisador e professor. Esta foi também a lição que temos aprendido com Rita Irwin, professora canadense que tem trabalhado com a *a/r/tografia* (*a* de artista, *r* de researcher, pesquisador e *t* de teacher – professor). Uma metodologia que, com práticas criativas e rizomáticas e uma pedagogia performativa se dirige ao potencial, aquilo que ainda não conhecemos...

Rita Irwin em seu texto *Performing an Intervention in the Space Between Art and Education* (2014) nos convida a olhar a educação em si – das suas práticas, teoria e questões – como um meio legítimo para o fazer arte. Ao longo de um projeto pautado na *a/r/tografia*, descobre-se um método de investigação sobre as experiências de aprender a aprender. A partir dessa linha de reflexão, é possível promover a integração das linguagens artísticas e suas especificidades, impulsionando o educando e o professor a re-significar conceitos e limites?

As linguagens da linguagem da Arte

A Arte representa a manifestação da criatividade dos seres humanos. Segundo Ferraz e Fusari (1999, p.16), essa “atividade criativa é inerente ao ser humano por suas potencialidades múltiplas, combinações de ideias, emoções e produções nas diversas áreas do conhecimento”. Ela apresenta aspectos muito particulares que precisam ser conhecidos independentemente de estarmos estudando ou produzindo Arte. O ensino da Arte deve despertar nos alunos um olhar diferenciado, sensível e crítico e promover um espaço para manifestações espontâneas. E como despertar esse olhar singular?

Dewey, que muito fundamentou e continua a fundamentar inovadores professores brasileiros (2011) reserva à arte um lugar especial na construção de seu pensamento e de suas obras, e este lugar é o da experiência, conceito chave para a compreensão de suas ideias. Segundo o autor, todo ser vivo recebe e sofre a influência do meio, e a isso Dewey (2011) nomeou de *uma* experiência. Há uma continuidade entre os eventos e atos cotidianos, entre a vida prática, a cognição e a afetividade. A arte é uma forma de experiência que pode alcançar a dimensão estética e ampliá-la em conexões com outras áreas de conhecimento. Na constante

aventura simbólica, a Arte representa uma significativa experiência poética. E poética, fortalecendo no termo a poiesis, a criação. A *poiesis*, como diz Passeron (1997, p. 108), “põe o criador frente a seu projeto”, entendida como um ato criador, singular, ousado, sensível, artesanal, onde a forma e conteúdo, o processo e o resultado final estão fortemente entrelaçados.

Muito além da tradição do desenho ou da pintura, a compreensão da arte e da cultura precisam ser ampliadas e problematizadas, pois as suas diferentes linguagens ampliam e desestruturam tudo aquilo que condicionamos pensar e sentir como sendo Arte. Para isso há de se conectar com o cotidiano!

Figura 3–Uma imagem impulsionadora para pensar sobre a construção da linguagem artística



Fonte: Disponível em: <<http://homoevolucio.blogspot.com.br/p/humor-i-curiositats.html>>. Acesso em 10 fev 2015.

Compreender a construção da linguagem como sistema simbólico e perceber as diferentes linguagens da Arte, parece algo simples, mas nem sempre estudantes percebem o que isto significa, tanto em relação à leitura como à produção de linguagens, com seus códigos próprios inseridos nas singularidades das culturas em que estamos imersos. Ler a imagem acima ou o livro de Ruth Rocha – *Nicolau tinha uma ideia*, assim como Paulo Freire em *Importância do Ato de Ler* em três artigos que se completam (1988) foram provocações para a compreensão das diferentes linguagens nos levando a outras experiências estéticas.

Trabalhar as quatro linguagens artísticas num mesmo estabelecimento de ensino e por um só professor é um dos desafios do ensino de Arte institucionalizado. Possibilitar ao estudante de Pedagogia, vivenciar experiências nas linguagens artísticas, permitindo-lhe fruir,

experimentar, contextualizar e refletir sobre a Arte é uma questão que nos inquieta, incomoda e desafia.

A educação do corpo expressivo que ouve, olha, percebe, sente e se expressa.

A expressão reta não sonha.
 Não use o traço acostumado.
 A força de um artista vem das suas derrotas.
 Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
 Arte não tem pensa:
 O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transver o mundo.

(Manoel de Barros, 2004, p. 75).

Figura 4 - Percepção de processos de criação. Foto-ensaio



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Viver experiências. Despertar o corpo sensível. Pensar e repensar sobre o vivido. Ações poéticas para articular a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação. Uma prática rizomática em uma pedagogia performativa.

Para isso, a turma foi dividida em grupos segundo as linguagens das linguagens da arte: Dança (clássica/moderna/contemporânea, danças circulares, danças étnicas), Teatro (faz-de-conta, jogos teatrais, cenários/figurinos/personagens), Música (canto, instrumentos, musicalização) e Artes Visuais (desenho, pintura, escultura, fotografia, tridimensional, colagem, gravura) com os seguintes objetivos propostos:

- a) Compreensão da construção da linguagem em foco, sua história e seus códigos;

- b) Estudo e pesquisa sobre os aprendizes leitores e produtores na linguagem em foco, em interface com as experiências estéticas pessoais (com leituras específicas);
- c) Observação dos aprendizes leitores e produtores na linguagem em foco durante o estágio.
- d) Apresentação para a classe das descobertas e estudos do grupo.

Somando aos estudos, cada grupo ofereceu uma vivência artística em sala de aula, trabalhando a importância da relação pesquisa e prática de ensino, e as dificuldades encontradas para desenvolver essa dinâmica de aprendizagem.

Figura 5 – Vivências artísticas em artes visuais. Foto-ensaio



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Os grupos pesquisaram e apresentaram as linguagens da arte e suas particularidades, como na apresentação da dança, valorizando a questão de preparação do espaço, do corpo, da criação do espaço diferenciado para vivência artística, aspecto também observado e trabalhado pelos grupos que pesquisaram as artes visuais, apresentadas em estações de trabalho diferenciadas. Os grupos que apresentaram as linguagens do teatro e da música transformaram o espaço da sala de aula em um lugar de descobertas, de desconfortos, estranhamentos e também de encantamento.

Diversas situações de aprendizagem foram vivenciadas. Todos os alunos puderam experienciar como a percepção e a imaginação podem contribuir com o ensino da Arte. As fotografias acompanhavam os processos e eram apresentadas em seguida para despertar momentos de reflexão e desequilíbrio, criação e construção, ações, pensamentos e palavras,

Figura 6 – Poéticas tornadas visíveis



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

“Não pode desenhar a flor do mesmo tamanho da árvore!” – observações no Estágio Supervisionado.

Estágios supervisionados fazem parte da disciplina que aqui apresentamos. Na modalidade de observação em classes de Educação Infantil, cumprem 30 horas de estágio. Com o objetivo de perceber como é realizado o ensino de arte na Educação Infantil, as concepções de educação e infância e os seus reflexos no espaço, nas práticas, na documentação pedagógica (narrativas, portfólios, fotografias, etc.), os alunos elaboram um relatório. O papel fundamental do Estágio Supervisionado é instrumentalizar o estudante, possibilitar ressignificar os saberes, reflexões sobre a profissão da docência e construção de sua identidade. Além disso, proporcionar a formação contínua não somente do profissional experiente, mas da pessoa como ser histórico-cultural e eterno aprendiz.

Em muitos contextos escolares, entretanto, a Arte ainda é rotulada como um recurso ou uma alternativa às práticas e vivências necessárias em diferentes componentes curriculares, caracterizando-se como uma “muleta” na aprendizagem dos conteúdos da Educação Básica. O ensino de Arte busca tornar-se algo que represente mais do que um conteúdo disciplinar para os alunos e professores, com suas contribuições significativas para a aprendizagem e para a formação do indivíduo social e político. As observações no estágio são fonte de muitas análises e reflexões que tem de superar a desencantamento com que percebem a arte na escola.

O acompanhamento da escrita deste relatório se faz em versões que são entregues e devolvidas para reformulações e continuidade dos textos. Do relato descritivo, elaboram a análise do estágio por meio dos territórios de arte e cultura: materialidade, forma-conteúdo, processos de criação, patrimônio cultural, mediação cultural, saberes estéticos e culturais e

conexões interdisciplinares. A grande dificuldade na escrita é perceber a diferença entre relato e análise. A grande constatação é que a arte não se encontra tão presente como era esperado.

Dentre 52 relatórios, encontramos diferentes relatos do fazer arte na Educação Infantil. Momentos em que a expressão livre da criança é estimulada e valorizada, e momentos em que a expressão artística da criança é sublimada, censurada, onde predomina a ordem do que é “certo”, do que pode e o que não pode fazer: “*Não pode desenhar a flor do mesmo tamanho da árvore!*”; “*Não pode usar preto! Preto não é cor!*”; “*Que apresentação feia e fora do tom!*”... Censuras artísticas em salas de Educação Infantil!

A partir da leitura dos relatórios, foi possível estimular nos alunos uma “reforma no pensamento”, como nos aponta Morin (2003, p.89), onde é “preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo complexus: o que é tecido junto”.

Experiênciarte: poéticas do professor e ampliação de repertório pessoal

Dois cadernos espiralados materializam as palavras, imagens, momentos, experiências vividas. Narrativas verbais e imagéticas fazem parte da dinâmica da disciplina Fundamentos da Alfabetização Estética. Ao início de cada aula, dois alunos apresentam, cada um, sua produção referente à vivência da aula anterior, onde um relato é apresentado em forma de texto, uma narrativa verbal, e o outro relato é apresentado em forma de imagem, um relato imagético, ambos registrados nos cadernos das narrativas. Dessa prática cotidiana de sala de aula, uma nova possibilidade de narrativa se faz presente como sugestão dos alunos, a narrativa musical, incorporada à disciplina Conteúdos e Metodologia do Ensino de Arte que dá continuidade ao trabalho realizado no semestre anterior, o que nos aponta o desejo de maior compreensão das linguagens artísticas.

Arte enquanto palavra são corpos para con-ter sentido. Antes, palavra largada ao acaso descompromissada, carente da cumplicidade que a faz mover. Corpos que devem agir e reagir nos processos de conhecimento. Corpos expressivos que ouvem, olham, percebem, sentem e se expressam. Do contrario, quando separados enfraquecem, constituem somente corpos inertes e sem expressão.

Entre o corpo da palavra e o seu sentido é preciso existir uma relação de harmonia de correspondência, cumplicidade e de integração. O corpo palavra reclama uma relação construtiva que deve ser da ordem do embate, da ordem, da esperança e das possibilidades.

É verdade que as palavras nos interessam. Com elas denominamos coisas e objetos e a elas incorporamos nossos desejos tornados visíveis e audíveis.

Ao final do semestre, solicitamos aos estudantes que em duplas, redigissem uma avaliação sobre a disciplina e elaborassem uma representação imagética de uma palavra que sintetizasse o que foi a disciplina para cada dupla. Com elas foi composto um portfólio coletivo como síntese do semestre vivido. Segundo o educador espanhol Fernando Hernández (2000), portfólios podem auxiliar aos estudantes a desenvolverem a consciência do próprio processo de aprendizagem.

Figura 7–Palavras constroem um portfólio coletivo como síntese do semestre



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

O corpo palavra se apresenta em trechos das avaliações de três duplas:

Em sala de aula tivemos diversas vivências únicas que a grande maioria não conhecia. Pudemos ter contato com a verdadeira arte que não conhecemos dentro das escolas. Aprendemos que podemos variedades (sic) para a arte ser conhecida pelas crianças fazendo tudo isso ser divertido em aula. Com a experimentação pudemos ter o olhar mais crítico do que é considerado arte e ao que as crianças são submetidas a reproduzir nas salas de aula durante até mesmo o período de estágio.

Antes a arte nos parecia algo muito distante, chato e complexo, porém a sentimos de uma forma tão clara, tão intensa. A experiência com novos conhecimentos causou impacto com o que nós já conhecíamos e uma necessidade de reestrutura interna das ideias e dos conhecimentos como um todo.

O aflorar em cada aluno de um olhar diferenciado e o interesse pela linguagem artística.

Nas vozes dos estudantes a certeza que embora tenham enfrentado desconfortos e quebras de alguns paradigmas pessoais em relação à arte e cultura, as vivências geraram práticas criativas e rizomáticas que abriram novas questões e preocupações. Percepções outras sobre cultura, saberes e a potencialidade do currículo com a esperança de outros compartilhamentos e provocações a todos os profissionais da educação, pois a potência da arte e da cultura está ainda apenas engatinhando nas práticas pedagógicas desenvolvidas em Arte nas salas de aula de Pedagogia. Há muito ainda a trabalhar para que no futuro os estudantes de Pedagogia tragam em si mesmo bagagens estéticas colhidas desde suas infâncias. Isso depende do que consigamos provocar nos futuros professores e nas formações continuadas tão necessárias.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IRWIN, R. MAY, H., O'DONOGHUE, D. (2014), 'Performing an intervention in the space between art and education', **International Journal of Education through Art** 10: 2, pp. 163–177, doi: 10.1386/eta.10.2.163_1

LAROSSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PASSERON, René. Da estética à poiética. Porto Arte - **Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais**, UFRGS, Porto Alegre, v.8, n. 15, p. 103-116, nov. 1997. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744>>. Acesso em 01 ago 2015.